

# CONHECER E SE RECONHECER

*Ericka Martins de Matos*

**E**stive a primeira vez em Portugal em 2013, por ocasião de uma bolsa de mobilidade internacional oferecida pelo Banco Santander no âmbito do mestrado. Devido às minhas férias de trabalho, essa experiência durou apenas um mês. Naquela ocasião, pouco interagi com alunos estrangeiros e portugueses, porque cheguei em julho e era mês de férias.

Sou brasileira com dupla cidadania. Minha mãe é portuguesa. Por ela ter imigrado muito pequena e ter sido alfabetizada no Brasil, ela fala português sem qualquer sotaque Portugal. Meu pai, embora brasileiro, era filho de portugueses. Então minha infância é recordada pelos domingos em família, todos reunidos na casa dos meus avós portugueses, tanto maternos como paternos, com a maioria dos tios conversando com sotaque português.

No entanto, engana-se quem pense que eu tive alguma vantagem ao chegar em Portugal e não me deparar com a dificuldade do idioma. É óbvio que depois de muitos anos vivendo no Brasil, ainda com algum sotaque, meus familiares não falam como os portugueses em Portugal. Meu primeiro choque foi chegar ao hotel e não entender absolutamente nada do que a recepcionista disse, isso mesmo, a “recepcionista”. Assistir a TV ou ouvir rádio era incompreensível. Só depois de um mês, quando eu já estava em Lisboa para retornar ao Brasil, foi que me surpreendi ao ouvir uma rádio e compreender o que o locutor falava quando eu passava por um café.

Quando estive a primeira vez em Portugal, fiz estágio na Universidade de Aveiro. Lembro-me de passear pela cidade e dizer para mim: “*Deve ser bem legal viver aqui!*”. Nunca pensei que esse desejo se tornaria uma realidade. Muita coisa aconteceu na minha vida nesse intervalo entre 2013 e 2017, mas foi a partir de 2015 que comecei a avaliar as possibilidades de fazer o doutorado em Portugal, fosse sanduíche ou pleno. Em 2017, meu contrato de trabalho acabou e decidi por não renová-lo. Optei por usar minhas economias e investir na minha carreira acadêmica. Candidatei-me ao curso de Formação Avançada em Turismo (CFAT) da Universidade de Aveiro, por eu já conhecê-lo e também a cidade. Após um ano, com todas as disciplinas concluídas, você pode parar e obter um certificado de pós-graduação *lato sensu* ou seguir com seus estudos para o doutoramento a partir de uma nova candidatura. Optei pelo doutoramento porque não estava segura se ia gostar do curso.

Cheguei a Portugal em setembro de 2017 e foi bem diferente da experiência anterior. Hoje, posso dizer que a primeira foi mais turística. Na segunda vez, o fato de ir para morar, ter que procurar casa para alugar, tirar Número de Identificação Fiscal (NIF), atestado de residência, entre outros documentos, mesmo com a cidadania portuguesa, é que imigrante é sempre imigrante. Eu brinco ao dizer que não adianta apresentar o meu Cartão Cidadão e abrir a boca, pois meu sotaque não nega que sou brasileira. Mas, ao invés de criar bloqueios e preconceitos, de ser aceita ou não pelos portugueses, resolvi criar uma empatia. Comecei a pensar em como eles são culturalmente, entender a História de Portugal. Assim, por um lado, passei a entender que alguns portugueses não gostam dos portugueses que imigraram para o Brasil. Entender que algumas palavras ditas em português de Portugal têm influência espanhola; outras foram traduzidas porque na época da ditadura de Salazar os portugueses eram proibidos de falar e usar palavras em inglês. Aprender ao invés de criticar ou desdenhar. Respeitar.

Por outro lado, nesse exercício e nessa curiosidade pela maneira de falar que nos une e nos afasta, percebi e aprendi que muitas palavras ou expressões que no Brasil consideramos erradas, como “negoceia”, “alumia”, “aluguer”, “mais pequena”, em Portugal são corretas. Quando lembro que muitas dessas palavras ditas no Brasil são consideradas erradas, não as vejo mais com preconceito e intolerância, pois sei que, em parte, elas sofreram a influência da colonização portuguesa. Penso, então, que esta é a melhor

das experiências como brasileira em Portugal: reconhecer tanto do Brasil em Portugal, como de Portugal no Brasil, seja no idioma, na arquitetura, na cultura, seja na gastronomia. Aprender a valorizar e apreciar essas semelhanças e diferenças que nos enriquecem como nações irmãs.

Além disso, toda essa experiência serviu para eu reconhecer minha descendência. Lembro-me de que quando criança eu me incomodava com as roseiras plantadas pela minha mãe no quintal, pois sempre me espetava nelas. Lembro-me de criticar minha mãe quanto à escolha das plantas para o jardim. Como bióloga, enfatizava que ela tinha que procurar apenas plantas nativas. Eis que reparei nos jardins das casas portuguesas e reconheci todas as plantinhas que minha mãe também tinha no jardim de nossa casa. Reconheci que era a maneira de ela levar um pouquinho da lembrança de Portugal, sua terra natal, para sua nova vida no Brasil. Entendi perfeitamente o que é ser imigrante, pois agora eu também o sou. Fiquei feliz ao ver um jacarandá florido em Portugal, igual ao que tem no Brasil, e me lembrar de minha terra natal, entendendo a felicidade de minha mãe com as flores que lembravam a terra dela. Essa é uma experiência que eu jamais teria se viesse a Portugal só como turista.

E foi “turistando” aqui, logo que cheguei, pois era meu aniversário, que conheci duas conterrâneas, Gicele e Liliane. Dessas coisas que você se pergunta se é coincidência ou não. Fui conhecer uma vindima<sup>1</sup> no Douro. Elas também. Sentamo-nos à mesma mesa para almoçar e logo vieram as surpresas das coincidências. Nós três, brasileiras, a estudar em Portugal. Liliane e eu, aniversariantes naquela data. Foi assim que entrei para o grupo de *WhatsApp* dos “Doutorandos em Lisboa”. Gicele já estava retornando ao Brasil, mas Liliane ainda passeou comigo em Aveiro e depois me apresentou para outra colega, com quem morava, a Mirelle, que, assim como eu, é ciclista. Marcamos de conhecer a Costa Nova de bicicleta. Também conheci por meio de Mirelle outra ciclista, a Rosa, que é portuguesa. Em Aveiro, tem uma ponte chamada “Laços de Amizade”. Nela deixamos nossa fitinha de amigas ciclistas. Acredito que são essas as melhores experiências que levamos dessa oportunidade de viver e estudar em Portugal, as amizades que fizemos, os preconceitos que quebramos, a cultura que agregamos, enfim, conhecer e reconhecer-se nas diferenças e semelhanças entre Brasil e Portugal e nos grandecer como melhores cidadãos.

---

1 Período em que os parrerais estão cheios de uvas, prontas para a colheita.